

RODRIGO EMÍLIO

Falar sobre Rodrigo Emílio na hora da sua morte é, para mim, um Acto de Contricção.

Sou um privilegiado em relação a muitos que, como eu, também o conheceram. Vem de 1975 o nosso encontro e de um pouco mais tarde, a nossa amizade. Eram tempos de PREC do Convento de Campamento (onde ele estava) e de um terceiro anda na *Calle Amnistia* (onde eu estava), em Madrid, na ressaca do Abril do nosso descontentamento...

Para lá fui musicar e cantar a poesia portuguesa — a de Camões e Pessoa — (se bem me lembro dois perigosos fascistas), e a de todos aqueles para quem o nome de Portugal, a sua grandeza e o seu passado contavam e eram motivo de orgulho: o Rodrigo, o Diogo Pacheco de Amorim, o António Bessa, o Luís Sá Cunha, o António Manuel Couto Viana e, felizmente, alguns mais.

Por uma vez que fosse, a esquerda tinha razão: a cantiga era de facto uma arma!

E assim foi a cantiga que me proporcionou o conhecimento — o grande conhecimento e a grande convivência que tive com o Rodrigo. Tantas e tantas vezes, nesta sala, tantas e tantas vezes à volta desta mesmíssima mesa redonda, onde escrevíamos e conpunhamos noite-a-dentro!

Entrou de mansinho no meu mundo musical, com todo o peso da sua sensibilidade e do seu saber, que tinha o cuidado de não ostentar nem «atirar à cara» do comum dos mortais, entre os quais eu. Tinha a sabedoria e a simplicidade dos sábios.

«Vestiram-se os Poetas de Soldados», foi o início. Eu, o ex-combatente do Ultramar e ele, poeta e soldado em Moçambique. Tive, aliás, nesses tempos de Espanha, a felicidade de conhecer uma mão cheia de pessoas admiráveis, uns mais poeta, outros mais soldados, outros ainda, políticos, alguns acumulando, mas todos, todos, irmãos no amor a Portugal. Lembro sempre com saudade Alberto Rebordão de Brito (Torre e Espada), António Dinis Vieira (que me guardava as costas, enquanto eu guardava as dele) e o Vítor Luís, que sempre colaborou graficamente com o Rodrigo nos seus livros e que felizmente me irá ajudar no próximo disco dedicado ao poeta.

Vejo, agora, o Rodrigo sentado à minha mesa de jantar, com conversas eternas com a minha Mãe, com conversa para os meus filhos, com conversa para todas as idades, porque ele, simplesmente, não tinha idade e talvez até nem fosse deste mundo...!

Com ele aprendi muito (coisas simples, que são as mais difíceis de aprender). Aprendi, por exemplo, que nem tudo o que é nosso é bom, e que nem tudo o que é dos outros é mau. Quantas vezes dei comigo espantado com as suas opiniões sobre alguns poetas, escritores e outros faróis intelectuais das esquerdas. Ele, o *antes-quebrar-que-torcer* era, afinal, um espírito aberto que, sem nunca abdicar dos seus princípios, separava, magistralmente, o trigo do joio. Dava gosto ouvi-lo falar. Para se impor, não precisava de levantar a voz nem de camisas e gravatas de marca, fatos «último grito», nem sequer os sapatos engrazados. Bem ao contrário, tomava bastante mal conta de si. Prezava muito a sua cabeça, desprezava tudo o mais. Almoçava e jantava eventualmente, vivia de «português suave» sem filtro, e de cafés — dizer muitos, será pecar por defeito.

O Rodrigo não era uma pessoa de fácil convivência. Aparecia e desaparecia da nossa vida de um momento para o outro, «vá-se-lá-saber-porquê». Tinha alguns «ódios de estimação». No que a mim diz respeito, o nosso relacionamento também teve as suas *pontes caídas* mais agora para o fim...

Por vezes senti dificuldade em compreendê-lo. Aquela maldita hérnia a que algumas vezes se referia, mas de que nunca se queixava — e que afinal não o era —, deve ter-lhe causado muito mau estar e muitas incompreensões por parte dos seus amigos.

— Remorso o nosso, defeito o nosso!

Sou, e tenho disso a plena consciência, um dos poucos, dos muito poucos que podem pegar nos seus versos que tantas vezes musiquei, e fazê-los soar pelos quatro cantos deste «Portugal-em-via-reduzida», Rodrigamente falando...

É isso, justamente, o que me proponho fazer.

José Campos e Sousa